

O mistério da luz: a não-pertença contemporânea em *Os meus sentimentos*, de Dulce Maria Cardoso

Gabriela Cristina Borborema Bozzoⁱ

RESUMO

A não-pertença contemporânea é um termo por nós definido com base na psicologia social de George Mead e na definição de contemporâneo de Giorgio Agamben (2009). O *corpus* de nosso estudo, *Os meus sentimentos* (2012), apresenta a história da narradora-protagonista Violeta que, após um acidente automobilístico, passa a narrar em ordem reversa o que poderia ser o último dia de sua vida e, entremeada a essa narração, deixa escapar a sua história: uma mulher obesa rejeitada em todas as esferas de sua vida. Buscamos, no presente estudo, averiguar a relação entre o estabelecimento da não-pertença em nosso *corpus* com a atitude contemporânea de Agamben. Para tanto, contamos com, além dos supracitados, autores como Axel Honneth (2003) e Gonçalves Neto e Gama (2012).

Palavras-chave: não-pertença; atitude contemporânea; psicologia social; *Os meus sentimentos*; Dulce Maria Cardoso.

ABSTRACT

Contemporary non-belonging is a term we define based on George Mead's social psychology and Giorgio Agamben's (2009) definition of contemporary. The *corpus* of our study, *Os meus sentimentos* (2012), presents the story of the narrator-protagonist Violeta who, after a car accident, starts to narrate in reverse order what could be the last day of her life and, interspersed with this narration, leaves escape her story: an obese woman rejected in all spheres of her life. In this study, we seek to investigate the relationship between the establishment of non-belonging in our *corpus* with Agamben's contemporary attitude. For this purpose, in addition to the aforementioned authors, we have authors such as Axel Honneth (2003) and Gonçalves Neto e Gama (2012).

Keywords: non-belonging; contemporary attitude; social psychology; *Os meus sentimentos*; Dulce Maria Cardoso.

ⁱ Bacharela e licenciada em Letras (UNESP, 2017), mestra em Estudos Literários (UNESP, 2019) e especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (UTFPR, 2020). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1843-3360> | gabrielaborborema@live.com

INTRODUÇÃO

O sentimento de não-pertença, segundo nossa leitura, pode ser definido embasando-se nas fases do *self* proposto por George Meadⁱ (2010, p. 151): o “eu” e o “mim”. Desse modo, propomos que existem condutas extremadas em uma das fases do *self*, as quais dão origem à não-pertença. Propomos, ainda, que o equilíbrio entre as fases do *self* transforma a não-pertença em mudança social, estabelecendo a relação mútua de mudança com a sociedade mencionada por Mead (2010, p. 186). Já a atitude contemporânea, segundo Giorgio Agamben (2009, p. 59), é a capacidade de descolar-se do próprio tempo e se tornar capaz de enxergá-lo com certo distanciamento crítico. Assim, inferimos que há relação entre o sentimento de não-pertença ao contexto social e a atitude contemporânea.

No romance que compõe o nosso *corpus*, Violeta, narradora-protagonista de *Os meus sentimentos* (2012), narra de cabeça para baixo no carro capotado, presa pelo cinto de segurança, após um acidente automobilístico na estrada durante a madrugada. A personagem narra o acidente no capítulo um; os eventos do dia do acidente em ordem reversa do capítulo dois ao seis; sua suposta morte e a continuidade dos que a cercam do capítulo sete ao dez; e o encontro consigo mesma – após lidar com a própria dor ao longo da narrativa – no capítulo onze. A história de vida da personagem é narrada por meio de analepses externas ao longo do discurso narrativo todo: obesidade; emprego de vendedora de ceras depilatórias; a maternidade solo; a convivência com Ângelo, filho bastardo de seu pai; a relação difícil com a mãe e distante com o pai; e os encontros com os homens no jogo perigoso da caça.

Nesse sentido, propomos a relação entre atitude contemporânea e a não-pertença, expandindo o projeto artístico da escritora proposto por Nefatalin Gonçalves Neto e Angela Gama (2012, p. 1) ao nosso *corpus*, *Os meus sentimentos*. Para tanto, pautamo-nos na proposição do *self* de Mead (2010, p. 151), na atitude contemporânea elencada por Agamben (2009, p. 59) e no projeto artístico supracitado.

1. A NÃO-PERTENÇA

A não-pertença consiste no sentimento experienciado pelo indivíduo que não se sente parte do meio em que está inserido. A produção literária de Dulce Maria Cardoso apresenta diferentes abordagens dessa temática. No caso do nosso *corpus*, a narradora-personagem de *Os meus sentimentos* apresenta a perspectiva da não-pertença: Violeta é uma mulher obesa, vendedora de ceras em época de depilação a laser, considerada promíscua e mãe solo. Assim, a não-pertença é experienciada pela personagem em diferentes contextos. Além disso, sua história e perspectiva (sobre aqueles que vivem em função de pertencer) constroem a denúncia de experiências de vida pautadas nos extremos. Ademais, Cardoso (2014) menciona a não-pertença em entrevista, quando aborda sua infância e adolescência:

[...] foi uma aprendizagem de coisas que talvez devesse ter aprendido mais tarde: a não pertença, a injustiça... [...] apesar do nosso instinto da pertença, não há mal nenhum em não pertencer. E é uma triagem, passa-se a pertencer aos certos.

O instinto da pertença mencionado pela escritora – e tematizado em sua produção literária – se aproxima da necessidade de reconhecimento intersubjetivo da própria identidade, estudada por Hegel. Buscando atualizar a teoria hegeliana, Axel Honneth (2003, p. 125) propõe:

Em nenhuma outra teoria, a ideia de que os sujeitos humanos devem sua identidade à experiência de um reconhecimento intersubjetivo foi desenvolvida de maneira tão consequente sob os pressupostos conceituais naturalistas como na psicologia social de George Hebert Mead; seus escritos contêm até hoje os meios mais apropriados para reconstruir as intuições da teoria da intersubjetividade do jovem Hegel num quadro teórico pós-metafísico.

A aspiração ao reconhecimento intersubjetivo do indivíduo é inerente à vida social para Hegel, na apresentação de Honneth (2003, p. 29). O pertencimento é, justamente, o sentimento resultante do reconhecimento intersubjetivo. Da ausência desse reconhecimento surge a não-pertença: ela advém, pois, de um embate entre o sujeito e a sociedade. Esse é o conflito moral, resultado do atrito interno – discrepância entre o “eu” e o “mim” –, segundo Mead (2010, p. 151-245). A sua psicologia social se faz de nosso

interesse para investigar a origem da não-pertença experienciada pelo indivíduo, cuja alusão na produção literária de Dulce Maria Cardoso, mais especificamente em *Os meus sentimentos*, juntamente à atitude contemporânea, nos propomos a averiguar.

O processo social em que a personalidade do sujeito se desenvolve é nomeado *self* por Mead (2010, p. 151-245). Não é o organismo fisiológico em si, não está presente desde o nascimento. É a mente autoconsciente que se desenvolve no sujeito a partir das suas experiências e atividades sociais, ou seja, de sua relação com o processo social e os demais membros da sociedade nele envolvidos. O *self* é o processo de interação entre o indivíduo e os outros, realizando-se na conduta do sujeito, no diálogo entre o “eu” e o “mim”. Em síntese, o “eu” é a fase do *self* que constitui o que há de peculiar no indivíduo: impulsos, desejos, características únicas, sua essência. Ele é moldado para as interações sociais pelo “mim”, que é a internalização dos valores, expectativas e atitudes da sociedade em que o sujeito está inserido. Por sua vez, o “mim” é a fase do *self* constituída pela internalização das atitudes do outro generalizado, ou seja, as atitudes da comunidade inteira. O outro generalizado constitui a resposta comum e a atitude organizada quanto às instituições de uma sociedade. As instituições são assimiladas pelo sujeito em sua conduta, e é isso, e o pertencimento à comunidade, que o possibilitam ser uma personalidade. É através desse outro generalizado que a comunidade influencia largamente o comportamento dos indivíduos. Nesse sentido, o *self* desenvolve-se por completo na medida em que se torna um reflexo individual dos padrões comportamentais de uma sociedade ou grupo.

Podemos relacionar esses indivíduos pautados nos extremos à era dos extremos, proposta por Eric Hobsbawm (1995) para definir o século XX e discutida por Bosi (2002, p. 248) na literatura. Desse modo, embasando-nos na era dos extremos e nas fases do *self* de Mead (2010, p. 212), acreditamos que há duas condutas extremas do “eu” e do “mim” que geram a não-pertença na interação social. Apoiamo-nos na afirmação de Mead (2010, p. 212) para propor as condutas extremadas no “eu” e “mim”:

[...] é uma questão de adotar as atitudes dos outros e de se ajustar a isso ou combater a situação. É esse reconhecimento do indivíduo como *self* no processo de usar sua autoconsciência que lhe confere ou a atitude de autoafirmação ou de devoção à comunidade.

Consoante à entrevista de Cardoso, concluímos que por trás dos extremos, temos a necessidade de pertencimento inerente ao ser humano. A prevalência do “mim” na experiência do indivíduo resulta, muitas vezes, do instinto da pertença. Como exemplo, a religião é uma instituição que supre esse instinto, pois, por meio dela, o sujeito experimenta a sensação de pertencimento a uma comunidade, como salienta Mead (2010, p. 237), que explica “essa é a experiência por trás dos extremos às vezes histéricos que pertencem às convenções.” Há predominância do “mim” nessa conduta pela devoção a tal comunidade e por ajustar-se a ela. Acreditamos que quando o ajuste à comunidade mutila a individualidade do sujeito, ele tem uma conduta extremada no “mim”, gerando um pertencimento não genuíno e infelicidade.

A conduta extremada no “eu”, por sua vez, resulta na sensação da não-pertença. Levada ao extremo, a predominância do “eu” não resulta no combate dos valores e na autoafirmação, elencados por Mead (2010, p. 212). É uma existência que não se ajusta excessivamente à sociedade, diferente do “mim”, mas que pratica consigo a exclusão que sente da sociedade. O indivíduo, nesse caso, internaliza as expectativas sociais também, mas essas são excludentes com relação a ele, seja por pertencer a um grupo de minorias ou por simplesmente pensar diferente. Em resposta a isso, o indivíduo concorda em não pertencer e se exclui. Contudo, ele não deixa de assumir a atitude do outro. Quando se exclui por sentir-se excluído, a não-pertença não gera mudança, mas faz com que o indivíduo aja consigo como a sociedade age com ele. Embasamo-nos nossa proposição do extremo “eu” na seguinte afirmação de Mead (2010, p. 211):

Talvez a pessoa diga que não faz questão de se vestir de certo modo, que prefere ser diferente. Então, está adotando em sua conduta a mesma atitude que os outros demonstram em relação a si. Quando uma formiga alheia é introduzida numa comunidade com outras formas, estas se voltam contra a intrusa e a destroçam. Na comunidade humana, a atitude pode ser tomada pela própria pessoa que se recusa a se submeter porque ela mesma adota a atitude comum.

Acreditamos que o equilíbrio entre o “eu” e o “mim” – valorizando o “eu” o suficiente para manter seus ideais e sua perspectiva individual do processo social, mas mantendo o “mim” em ação o suficiente para preservar relações interpessoais dependentes do pensamento conjunto – resulta no combate aos valores sociais e na autoafirmação mencionados por Mead (2010, p. 212), os quais, por sua vez, geram

modificações na sociedade na relação mútua de mudança apresentada por Mead (2010, p. 186). Desenvolver pensamento crítico não diz respeito a simplesmente aplicar a atitude comum para consigo, excluindo-se, por exemplo, de uma moda, um gosto musical, um pensamento comum. O equilíbrio está na preservação da própria individualidade, cuja definição proposta por Mead (2010, p. 240) complementa a ideia do sujeito peculiar e único, visível na mudança que ele causa na comunidade:

[...] a individualidade é [...] constituída por uma atitude distanciada ou por uma realização modificada, de qualquer tipo social dado e não por uma adesão conformista ao mesmo, e tende a ser algo [...] distintivo, singular e peculiar [...].

A expressão do indivíduo é essencial para a mudança, como afirma Mead (2010, p. 239): “o valor de uma sociedade organizada é essencial à nossa existência, mas também é preciso que haja espaço para a manifestação do indivíduo, a fim de que haja uma sociedade satisfatoriamente desenvolvida.” O pensamento crítico que gera mudanças não se exclui na não-pertença, mas a torna ferramenta de modificação social.

Uma vez que a linguagem é o meio de desenvolvimento da personalidade do indivíduo, de acordo com Mead (2010, p. 178), acreditamos que ela constitui o meio para alcançar o almejado equilíbrio entre as fases do *self*. O indivíduo se experiencia como “mim”, reage ineditamente como “eu”, se ajusta às expectativas o suficiente para manter relações interpessoais saudáveis e expressa a própria individualidade o suficiente para manter sua originalidade e propor mudanças à comunidade. As duas atitudes ocorrem na interação social, cujo mecanismo é a linguagem.

Sendo a literatura linguagem, propomos que a produção literária de Dulce Maria Cardoso instiga o indivíduo a preservar sua individualidade, adquirir pensamento crítico e modificar a realidade a sua volta. Inferimos que a escritora propõe que seu leitor adote a conduta que equilibra o “eu” e o “mim”. A proposição é feita em *Os meus sentimentos* através da perspectiva de uma personagem que é o extremo do “eu”: a narradora-personagem Violeta, cujas relações interpessoais que estabelece com personagens que representam o extremo “mim” e com as instituições sociais desnudam a sociedade portuguesa hodierna. Através do extremo “eu” representado na personagem niilista, bem como da sua perspectiva da sociedade e daqueles que são extremos do “mim”, Dulce Maria Cardoso não só propõe que o leitor adote uma conduta de combate aos valores

sociais e de mudança, mas também demonstra que ela está modificando a sociedade a sua volta através da literatura.

2. A PROPOSIÇÃO DE UM PROJETO ARTÍSTICO

O projeto artístico de Dulce Maria Cardoso foi proposto por Nefatalin Gonçalves Neto e Angela Gama (2012, p. 1-7) tendo *O chão dos pardais* (2014) – outro romance da escritora – como *corpus*. Os autores propõem que a escritora, através de um discurso irônico focado na vida cotidiana de pessoas comuns, desmascara a falsidade enquanto constrói as personagens e o discurso. O projeto artístico busca “desmistificar o sujeito português e aproximá-lo de sua realidade, desmistificando-a” (GONÇALVES NETO; GAMA, 2012, p. 1).

A falsidade desmascarada refere-se ao acontecimento que marcou a história portuguesa recente: a Revolução dos Cravos. Apesar de datas não serem aludidas diretamente em *Os meus sentimentos*, no início de *O chão dos pardais*, a morte da princesa Diana, que ocorreu em 31 de agosto de 1997, é noticiada na TV. Nesse romance, Violeta, narradora-protagonista, é vista por dois personagens no metrô depois de seu acidente. Logo, as narrativas se passam na segunda metade de 1997:

Faltavam duas estações para o destino deles, quando uma mulher se sentou ao lado de Sofia, uma mulher muito gorda, com o cabelo molhado, apesar do dia bonito de fim de Verão. Cheirava a tabaco e a cerveja e carregava dois sacos. Sofia espreitou para os sacos, com a mania de olhar para dentro de tudo, e viu várias amostras de ceras depilatórias. Sofia calou-se. Não queria que a mulher os ouvisse. Apesar do calor a mulher vestia collants e Sofia reparou que tinham uma malha caída. A mulher atenta ao olhar de Sofia disse, Foi por causa do acidente. (CARDOSO, 2014, p. 92)

A configuração social portuguesa em *O chão dos pardais*, afirmam os autores, continua a mesma vinte e três anos depois. O que foi combatido pela revolução ainda está vigente. A personagem Sofia, amante do empresário casado Afonso, para Gonçalves Neto e Gama (2012, p. 2), é a metáfora desse “[...] Portugal decadente que o estado se tornou depois do 25 de Abril: um país falso, prostituído e mentiroso”.

O matrimônio de Afonso e Alice é interpretado por Gonçalves Neto e Gama (2012, p. 3) como uma metáfora da família tradicional portuguesa decadente, que é regida

por aparências, traições e mentiras. A crítica circunscrita no romance, para os autores, também é antirreligiosa, o que atinge outro pilar da configuração social portuguesa.

Já o indivíduo português hodierno é metaforizado em Manuel, filho do casal, a única personagem que demonstra o direito à utopia no horizonte do sujeito. A utopia, contudo, não se concretiza: quando Manuel encontra sua namorada virtual, resta, entre ambos, a solidão. O encontro “[...] demonstra, alegoricamente, o grande problema do sujeito português (e, por que não dizer, humano) da contemporaneidade: o desconhecimento medroso do outro e a importância do mesmo para a formação do eu” (GONÇALVES NETO; GAMA, 2012, p. 4).

Logo, mesmo após a Revolução, “[...] a família continua a ser tradicional, o machismo ainda impera e a igreja continua a ditar os princípios morais da sociedade, que esconde suas impudicícias atrás de uma realidade morta” (GONÇALVES NETO; GAMA, 2012, p. 5). O intuito almejado no 25 de abril ainda não foi alcançado, o que é desmascarado por Cardoso, pois “[...] toda a sociedade passa pelo pente fino da análise irônica da escritora [...]” (GONÇALVES NETO; GAMA, 2012, p. 5).

Um trecho da epígrafe de *O chão dos pardais* – “*Y yo que me sabía pobre, de una pobreza sin nombre. Y triste, de una tristeza sin derechos, sin quejas y sin fin, rasgué mi ropa y les mostré mi herida*” (LOYNAZ apud CARDOSO, 2014, p. 7), segundo Gonçalves Neto e Gama (2012, p. 5), é uma indicação indireta de seu intuito: desmascarar a sociedade portuguesa e deixar sua podridão exposta.

Acreditamos que essa epígrafe também se relaciona com a dificuldade do indivíduo de comunicar-se, apresentada na negação da utopia a Manuel. O medo e o desconhecimento do outro, bem como a importância desse outro para a formação do eu, como afirmaram Gonçalves Neto e Gama (2012, p. 4), são os grandes desafios do sujeito hodierno, não só português. A epígrafe parece contrastar com o medo do contato com o outro, a solidão e o excesso de individualidade que são criticados no discurso irônico de *O chão dos pardais*. Esse romance direciona o leitor a se posicionar criticamente frente aos acontecimentos de seu tempo dado que: “[...] o embate presenciado em 74 precisa continuar a acontecer para que suas sementes sejam plantadas, e não esquecidas.” (GONÇALVES NETO; GAMA, 2012, p. 5).

A escritora, como afirmam Gonçalves Neto e Gama (2012, p. 7), traz o olhar descentralizante a fim de formar o leitor consciente e crítico, que é o seu outro: “É a

autora a exigir que o outro, seu elemento de alteridade, se torne presente e aja.” A ironia de Cardoso desmascara a realidade social portuguesa e, após a leitura, “o leitor cardosiano nota que há uma grande diferença entre aquilo que dizem ser a verdade, mas é só aparência e a essência da sociedade.” (GONÇALVES NETO; GAMA, 2012, p. 7).

2.1 As fases do *self* e o projeto artístico de Dulce Maria Cardoso

A escritora desenvolve seu projeto artístico em *Os meus sentimentos* através da exposição de experiências centradas em uma das fases do *self* levada ao extremo, a fim de propor o equilíbrio entre elas. A narradora-protagonista é o extremo “eu”: toma consigo a atitude da sociedade, que a condena por sua obesidade, comportamento considerado promíscuo e imoralidade, ou seja, se exclui. É conveniente que Violeta, cuja perspectiva é apresentada ao leitor, seja o extremo “eu”: a partir da sua perspectiva de quem não pertence por ser isolada e por se isolar, o leitor é capaz de observar aqueles que se ajustam devotamente à comunidade, que conduzem sua experiência pela predominância extrema do “mim”. Os funcionários do banco sobre quem Violeta divaga constituem a figura que a personagem tem do cidadão médio: focado no “mim”, a consequência é o efeito manada, que não traz felicidade por mutilar partes de si – como o sonho de profissão dos funcionários – a fim de pertencer.

A partir da exposição dos extremos “eu” e “mim”, Dulce Maria Cardoso parece propor, segundo o projeto artístico supracitado, a formação de um leitor consciente e crítico, que para nós seria aquele que adota a conduta equilibrada entre “eu” e “mim”, sendo capaz de responder aos estímulos sociais do “mim” com uma perspectiva individual que traga mudanças para a evolução da sociedade a que pertence. A epígrafe de *Os meus sentimentos*ⁱⁱ pode ser interpretada nesse sentido: deixar de nutrir o que nos enfraquece, ou seja, o conformismo do extremo “mim” ou o isolamento do extremo “eu”, e passar a nutrir o que nos fortalece, que preserva a perspectiva individual ao ponto abrir espaço para a expressão do “eu” e propor modificações ao meio sem sacrificar as relações interpessoais. A ficção cardosiana parece propor que não precisamos ser extremos quanto às expectativas sociais, ou seja, não precisamos ser apenas “mim”. Contudo, também não precisamos nos exilar e sofrer ao tomar a atitude do coletivo conosco. A ideia é manter o equilíbrio: quando não nos isolamos, mas preservamos nossa individualidade ao ponto de

modificar a comunidade a que pertencemos, não nos sacrificamos para pertencer, mas não nos exilamos também – passamos a pertencer aos certos, ou seja, àqueles com quem nos identificamos, como afirma Cardoso em entrevista:

[...] apesar do nosso instinto da pertença, não há mal nenhum em não pertencer. E é uma triagem, passa-se a pertencer aos certos. Não é pertencer à mesma profissão, é gostar das mesmas coisas e partilhar um ponto de vista moral. Acho que as amizades, os livros, têm a ver com o que nos divertimos com aquela pessoa ou livro e o que partilhamos em termos éticos. (CARDOSO, 2014)

3. A NÃO-PERTENÇA E A ATITUDE CONTEMPORÂNEA

3.1 Atitude contemporânea

A contemporaneidade é discutida por Giorgio Agamben (2009, p. 59), que propõe o que é ser contemporâneo:

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo a que este adere através de uma dissociação e um anacronismo.

A capacidade de apreender o próprio tempo está na habilidade que o contemporâneo possui de descolar-se de sua realidade para enxergá-la, exercendo uma espécie de distanciamento crítico. A atitude desconexa do contemporâneo frente ao seu tempo está relacionada ao fato de ele não pertencer a ele, apesar de nele viver.

O poeta, segundo Agamben (2009, p. 61-63), é o responsável pela sutura das vértebras quebradas do século que compõem a imagem da contemporaneidade. Ele é a própria fratura enquanto indivíduo contemporâneo, o que impede a composição do tempo, mas, paradoxalmente, também é responsável pela sutura da quebra. Tanto o poeta quanto o contemporâneo devem fixar seu olhar no tempo a fim de apreendê-lo. A relação entre o poeta e seu tempo é definida por Agamben (2009, p. 60) como contemporaneidade.

Contemporâneo é, também, segundo Agamben (2009, p. 62), aquele que fixa o olhar no tempo e percebe nele o escuro (rupturas e falhas do mundo caótico) ao invés da luz (suposta ordem pautada em morais e valores conservadores e questionáveis). A relação entre o contemporâneo e a escrita está na capacidade daquele de exercê-la

“mergulhando a pena nas trevas do presente” (AGAMBEN, 2009, p. 63). A apreensão do escuro não é uma postura inerte ou passiva. Ao contrário, requer a habilidade de neutralizar as luzes do próprio tempo a fim de enxergar nele a escuridão que é, por sua vez, inseparável das luzes. A contemporaneidade, como estar na moda, segundo a analogia proposta por Agamben (2009, p. 67-68), apresenta uma atualidade inapreensível. Ser contemporâneo é perceber o inapreensível. Os contemporâneos, para Agamben (2009, p. 65), são raros e a atitude contemporânea exige coragem para enxergar a luz na escuridão, diferindo dos que aderem perfeitamente a sua época, porque esses, por coincidirem com ela, não conseguem enxergá-la, como afirma Agamben (2009, p. 59).

O compromisso da contemporaneidade urge no tempo cronológico e o transforma, segundo Agamben (2009, p. 65-66). A urgência da contemporaneidade é o anacronismo que possibilita a apreensão do tempo presente em sua forma inapreensível, que é sempre ao mesmo tempo um cedo e um tarde demais. Ser contemporâneo significa, nas palavras de Agamben (2009, p. 66), “reconhecer nas trevas do presente a luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós.” A expressão da própria individualidade acompanhada pelo ajuste necessário ao mesmo a fim de preservar as relações interpessoais – constituindo o equilíbrio que propomos entre as fases do *self* e a relação mútua entre sujeito e sociedade proposta por Mead (2010, p. 186) – pode ser interpretada como enxergar essa luz. A escuridão do tempo não é vista pela maioria de nós, pois a atitude contemporânea é rara. Os que não a apreendem são aqueles que coincidem com o tempo presente, como afirma Agamben (2009, p. 59), que podem ser relacionados aos extremos “mim” e “eu” – as fases do *self* proposto por Mead (2010, p. 218) – ou seja, às condutas que são excessivamente constituídas por ajuste à sociedade e autoexílio identitário, respectivamente. Ser contemporâneo, embasando-se nos parâmetros da psicologia social de Mead (2010, p. 151), é ser o equilíbrio que propomos entre as fases do *self*. É ser capaz de adquirir distanciamento crítico, enxergando o escuro de seu tempo e nele propondo mudanças.

A relação entre os tempos é percebida apenas pelos contemporâneos, capazes de enxergar no moderno os traços do arcaico que o constitui, como afirma Agamben (2009, p. 69). A distância e a proximidade definem a contemporaneidade, e a capacidade de distanciar-se do presente – a atitude desconexa com o próprio tempo – surge da proximidade com a origem, cuja presença maior se dá no tempo presente: “entre o arcaico

e o moderno há um compromisso secreto [...] a chave do moderno está escondida no pré-histórico” (AGAMBEN, 2009, p. 70). Certa relação peculiar entre os tempos é posta em ação pelo contemporâneo, segundo Agamben (2009, p. 71):

[...] é o contemporâneo que fraturou as vértebras de seu tempo (ou, ainda, quem percebeu a falha ou o ponto de quebra), ele faz dessa fratura o lugar de um compromisso e de um encontro entre os tempos e as gerações.

3.2 O mistério da luz: a não-pertença e a atitude contemporânea

A desconexão e o anacronismo experienciados pelo contemporâneo podem ser assemelhados ao sentimento de não-pertença por nós estudado. Todavia, não nos referimos à não-pertença pautada nos extremos que propomos em uma das fases do *self*, mas a uma não-pertença transformada, na conduta equilibrada entre o “eu” e o “mim”, em ferramenta de mudança social. A conduta equilibrada que propomos é a de quem preserva a própria individualidade, mas encontra maneiras de estabelecer relações mútuas com o mundo, nas quais tanto sujeito quanto sociedade sofrem modificações. Referimo-nos à não-pertença utilizada como ferramenta de mudança.

Como propomos, a narradora-protagonista de *Os meus sentimentos* é o extremo “eu”: tem essa fase do *self* como foco da sua experiência. Devido a sua conduta de isolamento, a personagem vivencia a não-pertença e apresenta ao leitor sua perspectiva daqueles que mutilam a própria personalidade para pertencer, ou seja, são o extremo “mim”. Contudo, no final da narração, ela alcança o equilíbrio entre o “eu” e o “mim”, bem como assume a atitude contemporânea discutida por Agamben (2009, p. 57-73).

O tempo parece ter parado para a personagem. Após narrar o acidente, Violeta afirma “e os olhos pousados, inertes, na gota de água cheia de luz, uma gota inundada de luz, quase a apanhar-me, a vencer-me, resisto” (CARDOSO, 2012, p. 10). Na narrativa primeira – a narração do dia do acidente e do evento em si – a luz já está em direção à personagem, que resiste a ela, mas narra o passado para entender o presente, assumindo a atitude contemporânea mencionada por Agamben (2009, p. 73). Antes de compreender o presente distanciando-se dele ao projetá-lo no passado, aproximando-se da origem, atitude contemporânea apresentada por Agamben (2009, p. 69), a personagem ainda não vê luz na escuridão: “a noite, uma manta preta que me abafa [...] em vez de me contar os segredos que guarda, de me salvar, uma manta que me sufoca” (CARDOSO, 2012, p. 20).

No passado, Violeta sempre assumiu o posicionamento do extremo “eu” e de desconexão total com seu tempo. Não vivia no presente, mas com as dores do passado à espera de um futuro melhor: “estou satisfeita, vendi a casa, nunca mais lhe pertenço, finalmente livre, a partir de hoje vai ser tudo diferente” (CARDOSO, 2012, p. 27). A gota de luz que não desliza do para-brisas é mencionada diversas vezes ao longo da narrativa, dando a dimensão do tempo presente absoluto e congelado em que a narradora-protagonista se encontra durante toda a narração.

Acreditamos que a não-pertença contemporânea no romance de Cardoso propõe um equilíbrio entre o pertencimento a todo custo do extremo “mim” daqueles criticados por Violeta, e o não-pertencimento autoexilante do extremo “eu”, representado pela própria personagem. Desse modo, acreditamos na expansão do projeto artístico proposto por Gonçalves Neto e Gama (2012, p. 1) tendo *O chão dos pardais* como *corpus*. A proposição inicial centrava-se em dois eixos, sendo o primeiro desmascarar a realidade social portuguesa e o segundo propor uma consciência crítica ao leitor. Propomos a expansão do projeto em seus dois eixos. Em *Os meus sentimentos*, o primeiro eixo do projeto se desenvolve a partir de alguns aspectos do romance: exposição dos extremos “eu” e “mim” nas condutas de Violeta e daqueles criticados por ela, respectivamente; epígrafe de Dulce María Loynaz; narração da jornada de Violeta, do extremo “eu” ao equilíbrio entre “eu” e “mim”, do autoexílio ao contemporâneo; apresentação da sociedade portuguesa desnudada. Já o segundo eixo desenvolve-se incitando o leitor cardosiano para o equilíbrio das fases do *self*; a atitude contemporânea de Agamben (2009, p. 57); o engajamento, estando disposto a propor mudanças com suas atitudes, preservando a própria individualidade e a relação mútua de mudança entre sociedade e indivíduo, propostas por Mead (2010, p. 151-245).

A escritora, nesse sentido, é contemporânea (não só no sentido temporal), e podemos observar sua atitude como tal em seu projeto artístico. Nele, ela utiliza a literatura como ferramenta para descolar-se de seu tempo e modificá-lo, como propõe Agamben (2009, p. 63), incitando reflexões e mudanças em seu leitor. Além disso, para a realização do projeto, ela projeta o passado – sociedade portuguesa pré-Revolução – no presente, contexto pós-Revolução para compreender seu tempo, outra atitude contemporânea, como propõe Agamben (2009, p. 73).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A não-pertença como ferramenta de mudança social por nós proposta, embasando-nos na psicologia social de Mead (2010, p. 151), pode ser relacionada à atitude contemporânea de Agamben (2009, p. 59). Em *Os meus sentimentos*, o projeto artístico da escritora propõe, segundo nossas considerações, o equilíbrio entre as fases do *self* e a atitude contemporânea.

A perspectiva do extremo “eu” de Violeta é conveniente no objetivo de demonstrar a infelicidade da protagonista e daqueles por ela observados, que constituem o extremo “mim”. Desse modo, a narrativa propõe ao leitor de uma não-pertença contemporânea que visa a mudança mútua entre sujeito e sociedade, mencionada por Mead (2010, p. 186). A protagonista do romance, após narrar sua experiência de extremo “eu” e a sua perspectiva daqueles que são o extremo “mim”, alcança o equilíbrio entre as fases do *self* e a atitude contemporânea, distanciando-se da própria realidade ao narrá-la.

Referências

AGAMBEN, G. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BOSI, A. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CARDOSO, D. M. *Os meus sentimentos*. Rio de Janeiro: Tinta da China Brasil, 2012.

CARDOSO, D. M. *O chão dos pardais*. Lisboa: Tinta da China Portugal, 2014.

CARDOSO, D. M. Entrevista a Vanda Marques. O amor é o mais benigno de todos os poderes. Entrevista. *Jornal i*. 17 mar. 2014. Disponível em: <http://ionline.sapo.pt/383051>. Acesso em 7 ago. 2016.

GONÇALVES NETO, N.; GAMA, A. P. F. Liquidez, reconfigurações e pluralidades: a representação identitária da sociedade portuguesa em *Chão dos pardais*, de Dulce Maria Cardoso. In: *Anais da ABRALIC*. Campina Grande, p. 1-7, 2012.

HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HONNETH, A. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

LOYNAZ, D. M. *Jardín*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 2002.

MORRIS, C. W. (Org.). *Mente, Self e Sociedade*. Trad. Maria Silvia Mourão. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

Recebido em: 11/12/2021

Aceito em: 28/06/2022

ⁱ No volume *Mente, self e sociedade*, organizado por Charles W. Morris.

ⁱⁱ “*Es el jardín de La Muerte que te busca y que te encuentra siempre... Es el jardín que, sin saberlo, riegas con tu sangre*”, por Dulce María Loynaz (romance lírico *Jardín*, 2002).